



Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul

## UM SÉCULO SEPARA O ANJO DA ALDEIA DOS ANJOS

Publicado no site em 27/05/2019

Paulo Estivalet Flores do Pinto\*

### I – Introdução

Este artigo tem o propósito de contribuir para o esclarecimento de confusão surgida em simpósio realizado em Gravataí, cujos anais vieram à luz em 1987, e reforçada em posterior evento, também em Gravataí. Os anais deste último foram publicados no ano seguinte. Trata-se, a confusão, de tomar a “Aldeia do Anjo” pela “Aldeia dos Anjos”. O disparate, que vai penetrando no senso comum, deve-se à falta de atenção prestada à trajetória do processo histórico do Rio Grande do Sul, onde o espaço ficcional e o mito tomam lugar da verossimilhança no passado rio-grandense.

No simpósio, o apresentador e compositor regionalista ANTÔNIO AUGUSTO FAGUNDES, embora tenha usado todas as informações de Serafim Leite<sup>1</sup>, que coincidem, acertadamente, a “Aldeia do Anjo” com a “Aldeia do Caibi”, conclui sua exposição, transformada em texto nos anais, dizendo, a propósito das origens de Gravataí na “Aldeia dos Anjos”, que:

*“Os documentos jesuíticos não fixam com exatidão a aldeia do Grande Anjo ou a Aldeia dos Anjos (...). (...). É assim a tradição quem identifica na Gravataí de hoje a Caibi do passado”<sup>2</sup>.*

No evento de 2010, em Gravataí, o antropólogo JOSÉ OTÁVIO CATAFESTO DE SOUZA incide no mesmo engano, ao identificar em seu relato, que, fora o ponto sublinhado, é irretocável a proposição de que, “hipotéticos índios Anjos” estavam habitando a *região de Gravataí e Santo Antônio da Patrulha*. A anotação de Souza acentua a confusão<sup>3</sup>.

### II – Em torno do Grande Anjo e da Aldeia do Caibi

No mesmo ano em que Yapeju foi estabelecida na margem direita do rio Uruguai e em que o Padre Roque González de Santa Cruz usou, pela primeira vez, o rio Ibicuí como o principal caminho para embrenhar-se nos sertões da banda oriental<sup>4</sup>, Antônio Vieira, noviço jesuíta, assistente no Colégio da Bahia, da província do Brasil, traçou, com data de 30 de setembro de 1626, a carta ânua dirigida para o Geral da Companhia de Jesus. Nessa carta, o jesuíta relata, em detalhado relatório, os sucessos da Ordem na província em que serve, descrevendo os feitos com a introdução da Missão dos Patos, a partir de 1625.

\*Do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul

<sup>1</sup> LEITE, Serafim. HISTÓRIA DA COMPANHIA DE JESUS NO BRASIL Do Rio de Janeiro ao Prata e ao Guaporé, t. VI. Rio de Janeiro/Lisboa: INL/Portugália.

<sup>2</sup> FAGUNDES, Antônio Augusto. O ANJO E A ALDEIA DOS ANJOS in BRIDI, Teresinha et alii. Anais do SIMPÓSIO ESTADUAL SOBRE A CULTURA GRAVATAIENSE. Porto Alegre: Evangraf, 1987, p. 22.

<sup>3</sup> SOUZA, José Otávio Catafesto de. DO PASSADO ORIGINÁRIO AO PRESENTE ETNOGRÁFICO: TRAJETÓRIA DAS COLETIVIDADES INDÍGENAS NA REGIÃO DE GRAVATAÍ in JACHEMET, Célia Silva et alii. POVOAMENTO INICIAL, ETNICIDADE, TRAÇOS DO MUNICÍPIO E EXPANSÃO t. 1. Porto Alegre: EST, 2011, p. 57.

<sup>4</sup> MONTEIRO, Jonathas do Rego. AS PRIMEIRAS REDUÇÕES JESUÍTICAS NO RIO GRANDE DO SUL Separata dos Anais do Terceiro Congresso de História Nacional, IV vol. Rio de Janeiro: IHGB/Imprensa Nacional, 1942, p. 607.

Em 1622, jesuítas do Colégio do Rio já estavam em Imbituba e em 1624 construíram a igreja de Laguna. Em 1625, os padres Antônio de Araújo e Pedro Mota, dessa Missão, desceram para a Aldeia do Caibi.

Vieira, na ânua, informa que:

*Chegados finalmente a esta última aldeia [Caibi] começaram a tratar de seu intento principal, que era ajuntá-los numa igreja, mas muitos deles estavam já embaidos, com os embustes de alguns portugueses, de ruim consciência à não quererem viver juntos, para que assim mais facilmente os possam levar e vender por cativos.*

*É muito grande dificuldade esta, nem é menor a que outro principal de muita gente põe a seus súditos, porque é grande feiticeiro, e lhe tem dito o Demônio que, no ponto e tempo em que os nossos entrarem em suas terras, não terão efeito algum as suas artes. Este principal mandou vários recados aos padres que não passassem avante, nem fossem a suas terras ao que os nossos responderam que haviam de por em execução os mandados de seus maiores, que eram de passarem adiante<sup>5</sup>.*

Trata-se, o principal e grande feiticeiro em causa, do **Anjo** ou **Carai bebe**, sobre o qual Serafim Leite<sup>6</sup>, referindo-se à informação do Padre Inácio Siqueira, que o menciona, diz:

*Relações de índole diversa, (...), tal é a do P. Inácio de Sequeira ao tratar das feitiçarias dos índios, em particular as do **Grande Anjo**, espécie de imperador indígena, que em 1635 dominava o sertão desde Laguna ao Rio Grande (...), (grifo nosso).*

Ruschel refere a tentativa, cerca de 1625, dos padres Antônio de Araújo e Pedro da Mota em um encontro com o Anjo, aproximação que os jesuítas tinham por essencial para evangelizar e coibir a escravização dos índios:

*(...) Antônio de Araújo e Pedro da Mota vieram a Torres e passaram até perto do Caibi para confabular com o Grande Anjo, sem conseguí-lo. Depois mandaram um índio convertido, Silvestre, que foi recebido pelo Anjo e dele obteve promessas vagas de confabulação<sup>7</sup>.*

A Aldeia de Caibi se localizava na região do Ibiá, que Aurélio Porto identifica<sup>8</sup>:

*(...) estaria compreendida entre o rio das Antas ao norte, os rios dos Sinos e Guaíba, ao sul, o Taquari a leste e os Campos de Cima da Serra a oeste. Limitaria a oeste com o Caati e Caágua, (município de São Francisco de Paula) e ao sul com Ibiamon, (antigos campos de Viamão). Dentro dessa região se eleva a Serra Geral com suas denominações locais de Anta Gorda, Paredão e Ferrabraz. Estão aí hoje localizados vários municípios da região colonial do estado, isto é, parte de São Leopoldo, Novo Hamburgo, Montenegro, Estrela, Triunfo, Taquari, Caxias do Sul, Farroupilha, Bento Gonçalves, Garibaldi e Flores da Cunha.*

No dia 26 de abril de 1635, no Ibiá do grande feiticeiro **Anjo**, nas proximidades de Caágua, hoje Caxias do Sul, o padre Cristóvão de Mendoza, das Missões Jesuíticas espanholas foi martirizado. Na mesma

<sup>5</sup> VIEIRA, Antonio. CARTAS, v. 1. Org. e notas J. Lúcio de Azevedo, pref. Alcir Pécora. São Paulo: Globo, 2008, p. 68 a 70.

<sup>6</sup> LEITE, Serafim. HISTÓRIA DA COMPANHIA DE JESUS NO BRASIL Do Rio de Janeiro ao Prata e ao Guaporé, t. VI. Rio de Janeiro/Lisboa: INL/Portugália.

<sup>7</sup> RUSCHEL, Ruy Rubem. TORRES ORIGENS. Porto Alegre/Torres: Hartman/Gazeta, 1990, p. 22..

<sup>8</sup> PORTO, Aurélio. MARTÍRIO DO VENERÁVEL P. CRISTÓVÃO DE MENDOZA S. J. Memória apresentada ao III Congresso de História do Rio Grande do Sul. Separata dos Anais do III Congresso Sul-Rio-grandense de História e Geografia. Porto Alegre: IHGRGS/Globo, 1940, p. 3 a 4.

época, e, hipoteticamente, para buscar amparo dos portugueses contra previsível reação dos jesuítas de estirpe espanhola pela morte de Mendoza, segundo Ruschel:

*(...) 1635 (...) 1637 (...). Passaram o Mampituba para irem ao encontro dos padres um filho e um sobrinho do Grande Anjo, de nome Ocara Abaeté e Aberaba. O segundo deles foi batizado como Mathias de Albuquerque<sup>9</sup>.*

Na prática, os domínios do Ibiá representavam, sob a égide do Grande Anjo, um contraforte contra o avanço da frente de expansão jesuítica e em favor dos comerciantes escravistas de Laguna ou, em termos latos, dos portugueses<sup>10</sup>.

Não discrepando de Porto, Ruschel, na obra apresentada por Véra Barroso e tão referida neste artigo, anos antes das reuniões culturais de Gravataí, ao abordar o tema da destinação de índios do Rio Grande do Sul e Santa Catarina para o comércio escravocrata a partir do século XVI, tendo Laguna como entreposto, e das funções de agentes escravistas, alimentadores desse comércio, desempenhadas por maiores indígenas, ensina:

*Outro agente escravocrata da mesma época vivia mais ao sul, na Aldeia de Caibi, perto do baixo Caí. Tratava-se do feiticeiro Carai<sup>11</sup> (de Carai<sup>11</sup> = o santo + bebe = que voa), que os europeus chamavam de Anjo ou Grande Anjo.*

*(...)*

*O Anjo explorava seu prestígio para arrebanhar e vender escravos, de que costumava guardar um bom estoque para os traficantes. Seu domínio se estendia para o norte, no mínimo até o Mampituba<sup>12</sup>.*

Beatriz Franzen, que além de aprofundados conhecimentos de História aliava o domínio do conhecimento da Geografia e da Cartografia, dispõe sobre a Aldeia do Caibi:

*Aldeia do Caibi. Durante muito tempo julgou-se que os jesuítas teriam chegado à região da atual cidade de Porto Alegre. Entretanto estudos recentes de arqueologia demonstram que dificilmente haveria Guarani nessa área. Junto aos rios que formam o Guaíba, que banha Porto Alegre, as áreas eram **alagadiças – banhados** – onde os Guarani não se instalariam. A presença desses indígenas é constatada na encosta do Planalto, terras firmes, onde poderiam desenvolver sua atividade agrícola. Assim sendo, seria mais válido considerar que a Aldeia do Caibi estaria localizada na encosta inferior do Planalto, sul-rio-grandense, junto ao curso médio do rio Caí (...)*. (grifo nosso).

*“A palavra Caaipi (tupi-guarani) significando “pé da mata” (MONTROYA, Antonio Ruiz de. Tesoro de la lengua Guarani, p. 84) designaria a área da encosta onde inicia a mata e explicaria o nome da Aldeia (...)*”<sup>13</sup>.

A construção da barragem do Passo Real no Rio Jacuí, principal provedor da Bacia do Guaíba, permitiu controlar o regime das águas que alimentam o estuário, evitando a ocorrência de segundas inundações como a ocorrida em 1941.

<sup>9</sup>RUSCHEL, Ruy Rubem. TORRES ORIGENS. Porto Alegre/Torres: Hartman/Gazeta, 1990, p. 22.

<sup>10</sup> O sacrifício de Mendoza, nessa perspectiva, impediu a progressão espanhola rumo à Laguna.

<sup>11</sup> SOUZA, José Otávio Catafesto de. Op. cit., p. 56, define Carai como líder espiritual Guarani, com a atribuição de guiar a comunidade e nortear as atividades diárias, entre outras competências.

<sup>12</sup> RUSCHEL, Ruy Rubem. TORRES ORIGENS. Porto Alegre/Torres: Hartman/Gazeta, 1990, p. 60.

<sup>13</sup> FRANZEN, Beatriz Vasconcelos. OS JESUÍTAS PORTUGUESES E ESPANHÓIS E SUA AÇÃO MISSIONÁRIA NO SUL DO BRASIL E PARAGUAI (1580-1640). São Leopoldo: EdUnisinos, 1999.

Com os elementos supra colacionados acredito ter satisfeito dois dos desafios ínsitos no propósito de desfazer a confusão que encerra o Anjo e a Aldeia do Caibi, chamada do Anjo.

O Anjo, voz portuguesa de Carai-bebe, foi um chefe indígena de extremo prestígio, ajustado com comerciantes portugueses de escravos índios, centrados em Laguna na primeira metade do século XVII. Tinha a sede de suas atividades no médio Caí. Não há referência, na literatura alusiva, a grupo de índios que se identificassem por essa designação. Louvando-se em Porto, Ruschel e Franzen, os territórios dos atuais municípios de Gravataí e Santo Antônio da Patrulha estavam fora da zona de influência do Grande Anjo ou Carai-bebe. Se algum grupo Guarani fosse assim designado seria, naturalmente, o da Aldeia do Caibi, do Ibiá, que, só por antonomásia seria Anjo.

A Aldeia do Caibi, ou do Anjo, subsistiu, temporalmente, nas primeiras décadas do século XVII, mais de **um século antes** dos lagunistas criarem a Nossa Senhora dos Anjos do rio Gravataí, para onde levaram a mesma ancestral devoção aos anjos da guarda que os unia em Santo Antônio dos Anjos da Laguna e, espacialmente, no médio Caí, muitas léguas afastado dos banhados do vale do Gravataí.

Um século separa o “Anjo” da “Aldeia dos Anjos”.